Contemporâneos
REVISTA DE ARTES E HUMANIDADES, N.4, MAI-OUT 2009

Do espetáculo à rotina: O terror e suas faces

Emílio Gomes de Andrade (org.)[1]
Gabriel Esper[1]
Felipe Quadros Almeida[1]

Resumo

O presente artigo pretende articular, inicialmente, o conceito de terrorismo como uma constante dualidade de civilização versus barbárie. Onde o que se torna frequente é o medo e rejeição do outro como uma justificativa para se empregar o terror e a violência na intenção de subjugação do outro. Como um resultado disto, vemos o homem em situação de vítima e sujeito do Terrorismo. Encontrando nas práticas de diferenciação, exclusão e depreciação do outro as raízes para tais conflitos.

Palavras Chave: Terrorismo, Medo, Civilização, Barbárie.

From the Show to the Routine: The terror and his faces

Abstract

The present Article intends to articulate, initially, the concept of Terrorism as a constant dualism of Civilization versus Barbarism, and how this concept makes frequently the fear and rejection a justification to employ the terror and the violence in the intention of subjugate another person. As a result of this process, we can see the man in a position of victim and subject of the Terrorism. Finding in the practice of differentiation, exclusion and depreciation the roots for the contemporary conflicts.

Keywords: Terrorism, fear, civilization, barbarism.

1 Graduando em História pela Universidade Federal de Viçosa

Introdução

O advento da civilização e seu indicador mais emblemático, o domínio da agressividade através da formação da cultura, é denominado por Nietzsche como o autêntico trabalho do homem consigo mesmo, o "processo de hominização", portanto, a transfiguração do Caos, que orienta e garante a forma e o estilo que caracterizam a personalidade coletiva de um povo (NIETZSCHE, 1887). Estas variáveis conceituais e a simples leitura do momento no qual nos inserimos, são importantes e pertinentes para a discussão sobre o terrorismo.

Seguindo Nietzsche, a transformação do hominídeo em animal social que constitui o objetivo do processo civilizatório, é um empreendimento inexoravelmente ligado ao desprazer e à repressão, inevitáveis não só em função da renúncia à satisfação pulsional, mas à transformação do homem em um animal manso e civilizado, um "animal doméstico" (NIETZSCHE, 1887).

Uma sociedade que torna tanto quanto possível a aproximação do homem a uma máquina infalível, já segue muito bem o empreendimento de desprazer crucial no processo civilizatório, tem seu primeiro tropeço no tédio, na uniformidade que traz consigo toda a atividade maquinal, que ensina seu discípulo a avaliar e separar o prazer e o dever. Maquiando a violência da exploração e as tirânicas imposições da vontade de Poder, que permanecem em uma "História", que tende a relatar o romance da vitória da civilização contra a barbárie. Seguindo teoria Nietzschiana, a modernidade política é a era da barbárie civilizada, da mistura caótica de todos os gêneros e estilos, de todas as experiências e culturas (parece até prever a globalização e seus efeitos múltiplos).

Este artigo pretende trabalhar o conceito de Terrorismo - Modo de coagir, combater ou ameaçar pelo uso sistemático do terror, violência física ou psicológica, por indivíduos, ou grupos políticos, contra a ordem estabelecida. No entanto, como quase tudo, é passível de paradoxos em sua interpretação, uma ordem pública também pode ser terrorista na medida em que faça uso dos mesmos meios para atingir seus fins, o terror, como vamos observar também pode ser de domínio estatal - Uma ação fundada sobre a crueldade e a retirada do controle exercido pelos mecanismos de autocoerção. Inimigo absoluto da atual civilização, que, sob uma ótica histórica do terror, define bárbaros deslocados na época globalizada como os inimigos do bem estar civilizatório do ser humano.

Segundo Xenofonte, historiador e militar do período entre 430 e 350 a.c., assassínios em países potencialmente adversários, no intuito de gerar o pânico e o medo entre a população potencialmente inimiga é uma prática aceitável e aconselhável. Podemos dizer que esta idéia era seguida desde imperadores romanos a juízes inquisitoriais e senhores de engenho escravocratas (POMPEU, 2004).

O termo em si surge como referência ao período do Terror da Revolução Francesa. *O Dicionário da Academia Francesa,* na edição de 1798, assinala o terrorismo como significando "sistema ou governo baseado no terror" (POMPEU, 2004). Este período envolve o momento da

Revolução Francesa em que os governos ditatoriais guilhotinaram 12.000 pessoas. O Terrorismo passa então a ser praticado por individualidades e pequenos grupos na segunda metade do século XIX, assumindo a "célebre" figura do incendiário, dirigido contra outras individualidades, em especial, autoridades e soberanos. Surge do anarquismo nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e Central; do populismo no Império Russo, e também de conservadores fanáticos, membros de uma determinada população - A exemplo da Klu Klux Klan de brancos racistas norte-americanos. As diversas formas apresentadas tanto no relato de Xenofonte, como nas referências ao período de Terror da Revolução, mostram táticas de coerção militar e social, apregoadas como legítimas por Xenofonte em períodos de guerra e pelos revolucionários em tempo de transição.

Já no início do século XX, o terrorismo passa a ser usado não como uma reivindicação e símbolo de resistência, mas como uma causa para se engatilhar um conflito. O assassinato do arquiduque austríaco Ferdinando, herdeiro do trono imperial Austro-Húngaro, pelo estudante sérvio-bósnio de 19 anos, Gavril Princip, em junho de 1914 desencadeou a Primeira Guerra em toda a Europa, quando o objetivo de Princip era reivindicar maior liberdade para os sérvios da Bósnia (para quem Princip nunca foi um terrorista, ma o defensor da liberdade de um povo oprimido, é importante ressaltar ressalvas a opinião hegemônica).

A execução em massa de oponentes na Rússia de 1917 caracterizava o Terror Branco nos territórios dominados pelos czaristas, e o Terror Vermelho nas áreas controladas pelos comunistas. O extermínio de diversos grupos étnicos caracterizou o Terror Nazista do Holocausto, assim como as ações pela libertação dos povos coloniais, que tendiam derrubar o terrorismo colonialista e ditatorial caracterizou o terrorismo militante (POMPEU, 2004).

Diante dos acontecimentos dos últimos anos, o terrorismo assumiu signos diversos e polivalentes, representados constantemente no grande fluxo de informações e imagens por ele geradas e que, concomitantemente, auxiliam na construção destes significados, como por exemplo, o de um ato irracional que busca se fundamentar na razão, nessa marcha de lutas, o terrorismo é usado de forma pertinente pelos dois lados de qualquer conflito como um meio para se atingir resultados nem que esses possam ser os mais assustadores possíveis.

Os conceitos de terrorismo

Conceitualmente as práticas terroristas são divididas em três vertentes principais: O Terrorismo Indiscriminado; O Terrorismo Seletivo e o Terrorismo Político ou de Estado. Estes conceitos diferem entre si não apenas pelo fato de usarem formas de coerção, opressão e agressão singulares, mas também por variarem na maneira como selecionam os alvos de suas ações.

O Terrorismo Indiscriminado envolve todas as ações destinadas a danificar um agente indefinido ou irrelevante. Não possui um alvo previamente estabelecido, pois, sua pretensão é a propagação do medo geral na população, desgastando sua retaguarda e estabelecendo a vitória por meio de um sentimento geral de instabilidade. Exemplo desta forma de terrorismo é a colocação

de bombas em cafés, parques de estacionamento e metrôs (ENRIQUEZ e CARRETEIRO, 2003).

Também podemos considerar um atentado terrorista indiscriminado os atentados ocorridos em ruas, escolas e universidades norte-americanas, onde pessoas munidas de armas de fogo executaram pessoas a esmo. O mais famoso destes é o discutido por Michael Moore no filme *Tiros em Columbine*. No qual o diretor discute a sociedade norte-americana como o resultado da prática de um individualismo crescente.

Figura 1 - O ataque terrorista ao metrô de Madri, em 11 de março de 2004.182 mortos e cerca de 1400 feridos.

O Terrorismo Seletivo procura atingir diretamente um alvo reduzido, limitado, específico e estudado previamente ao atentado. Visa a chantagem, vingança ou eliminação de um obstáculo. Este é considerado um terrorismo por ter efeitos camuflados por atos fundamentados na política e no estabelecimento de uma determinada ordem. Surge em atos conhecidos como os da *Klu Klux Klan*, ETA, *Al Qaeda*, IRA, Frente de Libertação Islâmica, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), Exército de Libertação Nacional na Colômbia, Grupo Combatente Islâmico Marroquino, Separatistas Chechenos, Brigada dos Mártires Al Aqsa, Hezbollas, por vez aplicam este terrorismo. (POMPEU, 2004)

No entanto, se considerarmos também a humilhação pública como mais um dos objetivos deste tipo de terrorismo, atos menores como a prática do *Bullying* nas escolas - onde um indivíduo ou determinado grupo de pessoas sofrem sequenciais humilhações públicas e ameaças por outros - os autores de atentados como os de Columbine também se tornam vítimas desta forma de terrorismo, pois neste caso também ocorria a coerção por meio da força e do medo. Tanto Harris como Klebold eram alvos de "brincadeiras" cruéis por parte de seus colegas mais populares se tornando, diariamente, vítimas de humilhação.

Figura 2 - Cena capturada pelo circuito de câmeras que filmou o Massacre de Columbine, ocorrido em 20 de abril de 1999 nos Estados Unidos, onde estudantes de 17 e 18 anos atiraram em vários colegas e professores.

O Terrorismo Político ou de Estado surge como uma estratégia de repressão típica aos governos ditatoriais. A expressão surgiu na União Soviética para designar a "Operação Condor", um plano norte-americano que visava o apoio ao enfrentamento dos movimentos de extrema esquerda em diversos países da

América do Sul. Um bom exemplo pode ser encontrado no Manual de Segurança Nacional da Escola Superior de Guerras do período ditatorial brasileiro que, em sua eterna "caça às bruxas" comunistas em território brasileiro, passa a considerar todo e qualquer cidadão suspeito de conspiração até que se prove o contrário, aceitando que as forças armadas empreguem da força e da violência contra a população neste processo . No entanto, este conceito de Terrorismo também pode ser utilizado para designar os atos empregados tanto na Revolução Francesa, como no domínio exercido pelo Império Austro Húngaro na Bósnia, nos métodos empregados por ambos os lados, brancos e vermelhos, na Revolução Russa, assim como na tirania do *Führenrprinzip* na Alemanha, que encorajava e disseminava o ódio racial com base no princípio da raça superior sob seu objetivo último de hegemonia mundial (POMPEU, 2004).

Figura 3 - Exemplo típico de Bullying ocorrido nas escolas, em que um estudante mais forte e popular humilha outro mais fraco.

Como formas de resistência ao Terrorismo Político surgem as manifestações populares encabeçadas geralmente pela oposição e que encontram nos meios de manifestação cultural o caminho de enfrentamento ao Terrorismo Estatal. Sob uma forma mais enérgica, este assume a alcunha de Terrorismo Poético e pode ser representado pelos movimentos culturais de contestação e engajamento político com reflexos no Cinema Novo, no Teatro de Revista, e em diversos movimentos de contracultura.

A questão é que, mesmo com um princípio belo como este, o Terrorismo Poético encontra seu sentido distorcido, sendo agora reivindicado em casos de movimentos de ocupação e depredação de prédios públicos, assim como em ações de vandalismo contra instituições privadas.

O alvo e o sujeito do terror: o homem

É um consenso moderno a convicção de que a violência pode ser reconhecida como um traço e uma ameaça não só ao modo de vida "civilizado" como também ao tão temido mundo onde reinam as práticas "bárbaras" (colocando a violência como um mal comum a ambos os lados). O século XX evidenciou também que o monopólio estatal da violência visa a limitação dos reflexos selvagens individuais em prol de um controle que não está isento de aberrações. O processo civilizatório encontra-se sempre na barbárie dos instintos, não na racionalidade de um pacto fundamental, mas na tirania das relações de poder e dominação. Portanto na transfiguração do caos, dá-se a forma e um estilo que caracteriza a personalidade coletiva essencialmente repressiva de um povo (FOUCAULT, 1985).

Em um universo sob a ótica do conceito de vontade de poder, a violência e a exploração não são fenômenos característicos apenas de uma sociedade corrompida, imperfeita e primitiva, elas fazem parte da essência deste universo. É preciso, de certa forma, denunciar a idealização romântica e moralista da

dominação da natureza e da história dos povos. Não se pode, e não é conveniente, tentar subtrair das considerações sobre a natureza e da história os investimentos de crueldade, a violência da exploração e as tirânicas vontades de poder que marcaram a passagem do ser humano - seria, de certa forma, falta de honestidade intelectual com o processo histórico (FOUCAULT, 1985).

O fardo de ser bárbaro no atual mundo globalizado é uma ameaça ao laço social civilizado pela acusação de ignorar ou ultrapassar deliberadamente os limites fundamentais da humanidade. Embora temas da moral e da crítica da religião tenham sido apontados como núcleo de aglutinação de pensamentos, a questão da cultura e o entendimento da alteridade é, segundo pensamos, o autêntico elemento de ligação de um mundo provido dos diferentes conjuntos de temas e problemas fundamentais, o processo de padronização leva a reações idiossincráticas muitas vezes violentas.

A dificuldade de tais sociedades admitirem que possam ser responsáveis pela produção de uma cultura homogeneizante e pautada em ideais individualistas, dificulta um futuro diálogo entre as mais diversas partes do todo. O processo de constituição das identidades e alteridades no mundo é extremamente complexo e requer uma análise que leva em conta o papel "encompassador" da violenta sociedade de consumo. A velocidade de sua transformação, não só no mundo ocidental como também em áreas de influencia da economia global, gera a anulação das identidades em prol de um consumo massificado, gerando indivíduos que não se sentem inseridos, habitantes a margem das manobras das esferas públicas convencionais.

Em sociedades tão distintas como os Estados Unidos, Japão e algumas nações do Oriente Médio, enquadradas por um mesmo sistema econômico global (que colocou o consumo como fator crucial da constituição da identidade social), apresentam distúrbios na alteridade. A não adequação de alguns indivíduos a esse padrão consumista imposto causa sua exclusão e estigmatização social, podendo criar indivíduos marginais e rancorosos com a sociedade nas quais se inserem. A guerra em nome de Alá promove uma negação absoluta do reconhecimento da alteridade, manifestando-se de modo drástico pelo doutrinamento dos combatentes suicidas, cujo sacrifício se inscreve numa promessa garantida pela fé religiosa, na crença ilusória induzida pelo autoritarismo dogmático. Nota-se em seus atos uma indistinção ou "desindividualização" dos atos terroristas, o alvo não é só mais um representante do poder, mas um coletivo anônimo que torna a violência explícita e máxima o motor de uma comunicação específica.

Em organizações como o grupo terrorista de Bin Laden, a ideia não nasce de um sujeito autônomo, nasce de uma ideologia teocrática, se situa fora do campo do diálogo, da diferença, do reconhecimento do outro, se assemelhando com o amadurecimento do processo civilizatório que também não reconheceu tais fundamentos básicos para uma tentativa pacífica de coexistência com outros povos. Esses terroristas islâmicos colocam-se fora daquele mundo civilizado cujos princípios e valores das democracias modernas elaboraram centros tanto no oriente como no ocidente, as práticas múltiplas da sociabilidade atual nos predispõem a uma cascata de experimentações e estruturas imaginárias cada vez mais híbridas (ROSENFIELD, 2002).

O terrorismo paralisou todos os procedimentos de reação e justiça no mundo onde a relação desse processo com a mídia e o consumo é preponderante. A narrativa sobre o acontecido no Colorado,

como uma série de outros registros de violência nos EUA e países ocidentais, demonstra como a segregação e práticas de humilhação em relação ao "diferente" podem criar indivíduos dispostos a atos de tamanha brutalidade com as sociedades nas quais tentam se inserir. O desespero por parte desses que não conseguem se adaptar causa um efeito incompreensível em suas vítimas, a proliferação desse rancor, muitas vezes tomado a frente pelo próprio Estado, propicia irremediáveis conflitos nas mais diferentes esferas de influência intelectual, militar e etc.

Uma eterna distância entre os povos, seguida pelo estímulo globalizante da economia, marca um convívio forçado "sem educação", que busca sempre se manter na dualidade de civilizados e bárbaros. A hierarquização da *práxis humana,* os estágios de hominização do civilizado não permitem falhas em suas raízes, esquecendo que suas raízes encontram-se sempre na barbárie dos instintos.

Nietzsche (1887), tem como alvo estratégico de sua crítica a modernidade política e cultural, para as quais a igualdade democrática é valor em si, qualquer outra forma de valoração só pode ser ouvida já por essa estridência. A crença na hierarquia e na diferença de valor constitui, para ele, o pressuposto para elevação, interiorização e espiritualização dos instintos como processo crucial para a construção do ser civilizado.

Conclusão

O presente artigo busca de alguma forma elucidar uma relação recorrente no convívio entre os seres humanos, tentamos de alguma forma mostrar o Terrorismo como uma prática da imposição do medo e da opressão recorrentes desde a antiguidade clássica, embasado sempre no interesse humano, empregado como uma arma e um meio prático para se derrubar o inimigo. Sendo uma prática pouco digerida e tão pouco comentada, no meio de vítimas e super-vilões modernos, o terrorismo ignora nacionalidades, raças, crenças e ideologias, destituído de qualquer respeito à racionalidade. No entanto, ocorre também como um meio de reivindicação da igualdade social, ou justificativa para se iniciar uma guerra pautada em segundos interesses.

O que encontramos nestes atentados são seres humanos sofrendo agressões e opressões pelas mãos de outros seres humanos ocultados pela opressão, sob nomes de milícias, Estados, Religiões e grupos sociais. A força bruta não pode e não deve ser ignorada, os conflitos dos seres humanos tem que ser tratados sem idealizações românticas, temos que reconhecer as infinitas possibilidades das energias humanas, sejam elas terríveis ou não, observando no nosso próprio dia-dia as influências as quais tais imposições comportamentais se lançam na arena da vida em sociedade.

Referências bibliográficas

ENRIQUEZ, Eugène; CARRETEIRO, Teresa Cristina. *Violência, paranóia e perversão nas sociedades ocidentais contemporâneas:* Reflexões sobre o filme Tiro em Columbine de M. Moore**.** Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, RJ: Graal, 1985

NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da Moral, uma polêmica*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Escala, 2003. (Original 1887).

POMPEU, Renato. Uma História do(s) Terrorismo(s). *Revista Caros Amigos – Especial Terrorismo*. Julho de 2004.

ROSENFIELD, Denis L. MATTÈI, Jean-François (Edits.) *O Terror*. Coleção Filosofia Política – Série III. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2002.

Referências Fílmicas

MOORE, Michael. Filme: *Tiros em Columbine* [Bowling for Columbine]. EUA, 2002. 120 minutos.

Fonte das Ilustrações

1. http://coisasdodia.blogs.sapo.pt/arquivo/2005_03.html Acesso em: 04 mar. 2009.
2. http://oooink.blogs.sapo.pt/arquivo/2004_09.html Acesso em: 07 de mar. 2009.
3. http://www.jigsaw4u.org.uk/files/news_articles/anti_bullying.html Acesso em: 09 mar. 2009.